

Edmundo Villani-Côrtes: erudito ou popular?

Achille Picchi

UNESP – achillepicchi@gmail.com

Música Contemporânea Brasileira, Edmundo Villani-Côrtes, 2014, artigo, apresentação, Mesa Redonda.

Em princípio vou apontar, nesta mesa dedicada a refletir sobre Edmundo Villani-Côrtes, três idéias em torno deste compositor, tão somente para abrir a discussão compositor-obra-contexto.

Os pontos são:

- 1 – Nacional ou Universal?
- 2 – Posmodernismo ou Tradicionalismo?
- 3 – Erudito ou Popular?

1. Nacional ou Universal?

Será Villani-Côrtes um nacionalista, um compositor nacional ou universal?

A questão é ampla demais para ser respondida simplesmente.

É inegável o uso que Villani-Côrtes faz da referência nacional em grande parte de sua música, inclusive a idéia da rítmica, por ser processo definidor de reconhecimento identitário.

Mas é igualmente inegável que parte significativa de sua obra utiliza as chamadas “técnicas universalistas”, isto é, elementos que não se referem intencionalmente ao nacional (como a técnica de doze sons usada no Concerto para Piano, por exemplo).

É preciso lembrar aqui a importante diferença entre nacionalismo e nacional como ação artística de expressão. Já o velho mas não ultrapassado Mário de Andrade colocava o nacional na direção da essência da individualidade de um povo e o nacionalismo como processo de aparato de Estado. As questões do nacional e do nacionalismo, no avançar do século XX, permeiam-se de um hibridismo cultural cada vez mais ingente e profundo através da globalização crescente da cultura. E da música, igualmente.

Stuart Hall (2001), sociólogo, chama a atenção para o hibridismo cultural no sentido de mostrar que já não existem culturas puras – processo em andamento já desde

há muito, mas só conscientizado no século XX.

Novamente Mário de Andrade, já mostrava que pela miscigenação dos povos surgia um ideal folclórico manifestado. E do conhecimento íntimo e interno dessa manifestação e não de sua simples citação se fazia o nacional. O conhecimento da realização desse manipular interno e sua visão externa configuravam o nacional da cultura, o que a tornava “internacional”, “universal” em sua perenidade. E, inclusive chamava esse folclore de popular por isso.

Esse elemento de pensamento e realização nacional vê-se presente na música de Villani-Côrtes.

2. Posmodernismo ou Tradicionalismo?

Edmundo Villani-Côrtes é um compositor posmoderno, tradicionalista ou de vanguarda?

Rótulos são e sempre foram redutores. Tiveram sua serventia em momentos históricos situados mas são, mais e mais, questionados entrado o século passado.

O posmodernismo não é uniforme relativamente a princípios ou técnicas. A liberdade de uso de técnicas novas e antigas, num contexto de originalidade, fica sempre a serviço da intervenção e da comunicação, da expressão e do lúdico.

Villani-Côrtes, neste particular, se desenvolve dentro de um ambiente de filosofia tonal (consideradas a tonalidade em si e a utilização da referencialidade tonal na postonalidade), assim expandindo essa tradição, caminhando lado a lado ao posmoderno.

Quanto à vanguarda que se pudesse associar – talvez no caso de TIMBRES e RITMATA, ambas para piano solo – não se pode situar o compositor nessa preocupação.

Vanguarda se situa na ponta de lança de revoluções as quais, quando sedimentadas após seus impactos-cunha, deixam de ser vanguarda. Se não for tecnicamente, a vanguarda se estilhaça na ideologia – e nem sempre é de interesse depois de deflagrada, a não ser talvez de cunho histórico.

Como dizia Luciano Berio (1989):

o conceito de vanguarda é terrivelmente sério, dinâmico e real no âmbito da ciência, das lutas sociais, econômicas e, porque não, da

guerra. No campo das lutas musicais (tão necessárias quanto as outras) o termo neo-vanguarda adquire para mim um estranho sabor de morte. Não tanto porque as vanguardas têm necessariamente vida curta mas porque minha intuição me diz que quem define a si mesmo como ‘de vanguarda’ é um cretino”.

Villani-Côrtes transita no que poderia ser cunhado, até certo ponto arbitrariamente, como vanguarda. Mas de um ponto de vista posmoderno essencialmente.

3. Erudito ou Popular?

Edmundo Villani-Côrtes é um compositor “culto”, “erudito” ou “popular”?

Só no século XX – e muito especialmente depois da segunda metade – agravou-se um questionamento aparentemente desprovido de sentido como expressão artística, mas muito significativo como expressão social: a contenda música culta ou erudita versus música popular.

O que quer dizer? Talvez, como já observou Adorno, um deslocamento de significações sobre um diferente uso dos mesmos significantes.

Quem consagrou o que era “popular” na música? Justamente quem não era sociologicamente estamentado como “povo” e tinha uma visão em perspectiva dessa manifestação. A apreensão em continuidade do estereótipo e a assimilação mercadológica por categorização acabou por consagrar mais facetas do fazer para quê, mais que um fazer porquê. Isto é, a música popular tem uma preocupação com a *mensagem*, com o belo instantâneo e além disso o imediato, funcional, reconhecível, já que o resultado sonoro esperado, instaurado, processado é não constantemente inovador e nem a inovação está no horizonte do provável popular.

Houve época em que popular era o folclore. Mas para onde foi o folclore na posmodernidade? Com o contínuo expandir da urbanidade, inclusive e principalmente invadindo o campo transformado em periferia, a integração cidade e tradição se mescla cada vez mais.

A música culta, ou chamada erudita, preocupa-se mais com a linguagem, com a elaboração, com o processo, com o resultado sonoro, o inesperado e só reconhecível após audição envolvida. Daí a divergência funcional de sua atuação e vigência.

Diria, no entanto, que por mais que Villani-Côrtes use elementos e memória

do que se poderia chamar música popular, por mais que trabalhe com formas e tonalidade, elementos de longa tradição do que se poderia chamar erudito, por mais que algumas vezes faça experimentações, não é compositor erudito; não é compositor popular; não é compositor de vanguarda. É compositor cuja música é de grande rigor elaborativo, de grande rigor expressivo, não tanto do rigor que se busca – e que, afinal, sempre se pode achar – mas rigor que se propõe. E grande fluência na direiteza do que expressa.

Villani-Côrtes é um típico compositor posmoderno no sentido mais tradicionalista possível. É um típico compositor nacional no sentido mais universalista possível. É um compositor típico de vanguarda no sentido mais posmoderno possível. É o erudito mais popular e o popular mais erudito possível.

Por fim, ve-se em Villani-Côrtes um compositor com grande *métier*, o que quer dizer com enorme repositório de conhecimento composicional e repertório musical. Tem aguda percepção sonora, conceitos originais e firmes de beleza e sabedoria no uso da simplicidade e da complexidade.

O poeta T.S.Eliot costumava dizer que poesia é tudo aquilo que está envolvido pelo senso poético. Perguntado então se tudo era poesia, dizia: não, só o recorte que o poeta faz através de sua habilidade, *métier*, artesanato, *craft*, sentir poético. É uma investidura e uma construção. Um fato e uma realização emocional e técnica. Uma obra.

Se trocarmos poesia por música, teremos aí a composição de Edmundo Villani-Côrtes.

Referencias Bibliográficas

BERIO, L. *Entrevista a Rossana Dalmonte*. SP: Martins Fontes, 1989.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6ª ed. RJ: DP & A., 2001.